

## Capítulo da Congregação Brasileira dos Cistercienses, junho 2016

Fr. Mauro-Giuseppe Lepori, Abade Geral OCist

### "Somos fiéis à nossa vocação?"

#### Uma pergunta rica e importante

O tema deste capítulo é uma pergunta: "Somos fiéis à nossa vocação?", uma pergunta que é importante fazer-nos, para não dar como óbvio o caminho que fazemos. Fazer-se uma pergunta quer dizer, antes de tudo, parar, significa interrogar a nossa vida pessoal e comunitária, em busca de uma resposta, um juízo que não é automático. Fazer-nos uma pergunta sobre a nossa vida e vocação, significa reconhecer que a nossa vida e vocação não é uma máquina que funciona por si só, que nunca precisa de revisão, que nunca se deve programar de novo. Fazer-se uma pergunta, significa também que a nossa liberdade e a nossa decisão, tem sempre um papel a desempenhar em nossas vidas. Fazer-se uma pergunta, significa que a resposta pode ser positiva ou negativa, e, portanto, a resposta pode nos pedir mais, pode nos pedir uma nova decisão. Se, por exemplo, respondemos que não nos parece ser realmente fiéis à nossa vocação, essa resposta levanta outras perguntas. Porque não somos fiéis à nossa vocação? Queremos ser fiéis à nossa vocação? Como podemos ser fiéis? Como nos ajudar a sermos mais fiéis?...

Ou se respondemos: "Claro, somos fiéis, ou melhor, fidelíssimos!", devemos, pelo menos, nos perguntar: Temos certeza de que temos uma concepção correta de fidelidade? Por que nos sentimos tão fiéis, enquanto os outros não? Somos, talvez, um pouco fariseus? Ou publicanos que não querem se converter?...

Mesmo assim, o tema do nosso Capítulo é um tema complexo, ou melhor: um tema rico. Porque é uma pergunta que imediatamente se multiplica em outras perguntas. Perguntar-se: "Somos fiéis à nossa vocação?", significa fazer-se, pelo menos, três perguntas: O que significa *ser fiel*? O que significa ser fiel à *uma vocação*? O que significa ser fiel à *nossa vocação*, isto é, à *vocação monástica cisterciense*?

Fazer-nos estas perguntas, para nós, é muito importante. E é sempre importante, durante toda a nossa vida. Deveríamos nos perguntar todos os dias, examinar-nos sobre isto, todos os dias. Porque quando alguém tem uma vocação, significa que o Senhor o quis e amou para isto, e assim vive para isto, e portanto, que a vocação é o sentido da sua vida, e não vive, verdadeiramente sua vida, se não for fiel à sua vocação. A fidelidade à vocação é a fidelidade ao sentido da nossa vida.

#### A fidelidade é adesão

Porque a própria vida é vocação. Deus nos chama à vida, nos cria chamando-nos a viver uma vocação, que Ele pensou desde a eternidade: "Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado, e te havia designado profeta das nações". (Jr 1,5)

Na véspera da morte de minha mãe, estava rezando o Ofício Divino ao lado de sua cama de hospital. Tinha o Salmo 21, e me tocaram muito as palavras: "Fostes vós que me

tirastes das entranhas de minha mãe e, seguro, me fizestes repousar em seu seio. Eu vos fui entregue desde o meu nascer, desde o ventre de minha mãe vós sois o meu Deus." (Sl 21,9-10)

Parei a olhar, diante de mim, o corpo de minha mãe, já priva de consciência, e senti um grande respeito por aquele corpo, que para mim, foi o primeiro templo de Deus, o templo, no qual, Deus já era "o meu Deus": "desde o ventre de minha mãe, Vós sois o meu Deus". O templo, no qual, Deus chamou-me à vida e formou, e, do qual, tomou-me para ser Seu: "Eu vos fui entregue desde o meu nascer".

O mistério de toda a vida, sem exceção, é esta adesão a Deus, porque Deus quis, desde a eternidade, aderir a nós, ser o *nosso* Deus. Somos de Deus, nós pertencemos a Deus, porque Deus é nosso Deus, porque Deus nos pertence.

É a partir deste mistério, que é mistério de Misericórdia, que podemos entender o que é fidelidade. A fidelidade, de fato, em toda a Bíblia, é definida como *adesão*. Somos fiéis se aderimos ao nosso Deus, ao Deus que nos pertence, que se fez e se revelou "nosso Deus", e que nos criou e formou para isto, para viver esta adesão a Ele.

Pertencer a Deus nunca é uma questão superficial, porque a nossa adesão a Deus nos constitui, e isto não só desde o "ventre da minha mãe", mas também antes, no pensamento eterno de Deus, que decidiu criar-me desde a eternidade. Mas o "antes", o eterno pensamento de mim que Deus tem, realiza-se "no ventre da minha mãe", isto é, se manifesta, se define, se encarna em uma adesão humana, à nossa mãe, ao nosso pai, à nossa família, e em todas as adesões que moldam nossa vida, nossa história. Cada um de nós pertence a Deus na forma do seu DNA, isto é, na face, no corpo, na psicologia, na cultura, etc., que definem a sua existência. Cada um de nós pertence a Deus, através das concretas adesões humanas e históricas, dentro as quais, se desenvolve nossa existência. Porque tudo isto, também, faz parte do desígnio de Deus, é a forma essencial da nossa adesão a Ele. E Deus utiliza o alternar-se das adesões humanas, históricas, para definir, sempre mais, a nossa adesão a Ele. Nos coloca no ventre de uma mãe, mas: "Fostes vós que me tirastes das entranhas de minha mãe e, seguro, me fizestes repousar em seu seio". Deus, antes, nos confia a um ventre, em seguida, a um seio materno, em seguida, aos braços de um pai, a uma família, etc... Deus nos faz passar através de diferentes acontecimentos de adesão, para construir a única adesão que define *totalmente* a nossa vida: *a adesão à Ele*.

Em nossa vida se sucedem vários "ventres" e "seios" que nos formam e nutrem à vida como adesão a Deus. Certos ventres são provisórios, outros mais definitivos, no sentido que nos definem, realmente, como identidade e vocação. As escolas que frequentávamos, os grupos de jovens, paroquiais, políticos, esportivos que aderimos, mas também a nossa família, todos estes, são ventres provisórios, que nos acompanham por um tempo, que nos acompanham em um aspecto parcial de nossa vida, tanto é verdade, que estas adesões podem sobrepor-se e ser contemporâneas. Todas, porém, de uma forma ou de outra, deixam a marca, para sempre, em nossa vida. Mas a verdade e a fecundidade de cada uma destas adesões é, somente e sempre, de nos tornar mais conscientes e responsáveis da graça de pertencer a Deus. E a fidelidade a estas adesões é verdadeira, tem sentido, se é para uma fidelidade sempre mais explícita e profunda, à adesão a Deus.

## **A infidelidade da superficialidade**

Há, portanto, uma primeira forma de infidelidade à adesão a Deus: a superficialidade, com a qual, muitas vezes vivemos as adesões, através das quais, esta se forma e se encarna. É importante tomar consciência, porque chegamos a uma cultura tão superficial no sentido de adesão, ao ponto de tornar indiferente até o ventre da mãe. Hoje, é considerado indiferente a mulher, que carrega uma criança em seu ventre. A gestação foi vencida pela gestão. Considera-se a gravidez como a "gestão" de uma prática legal, um dossier: tempo determinado, custo determinado, e depois se esquece e se passa para a prática sucessiva.

Nada impede, porém, a Deus de formar à adesão a Ele, também quem passa por semelhantes experiências. Justamente porque a vida de cada pessoa, é quista para aderir a Deus, é destinada à adesão a Deus, portanto, a algo infinitamente maior que todos os acontecimentos humanos, e também da nossa infidelidade. A vocação de uma pessoa pode crescer através de tudo, porque por trás de cada experiência, Deus é o verdadeiro Pai, que nos gera, nos ama e espera em ser, para sempre, o nosso Deus.

Mas repito que a armadilha mais grave é a superficialidade, porque isso impede a Deus de nos formar. É como ser areia. Pode-se colocar a areia em todos os recipientes, dar todas as formas possíveis, mas quando a areia sai da forma, volta a ser sempre e apenas areia, e o fato que esteve naquele determinado recipiente, mesmo durante anos, não mudou nada. Ao invés, a argila, se está em uma forma, mesmo quando a forma é removida ou se quebra, mantém a forma recebida.

É triste encontrar monges e monjas que, depois de anos e anos de vida no mosteiro, é como se não fossem ainda definidos por esta vocação. Porque, viveram no mosteiro sem crescer na adesão a Deus, sem tomar com todo si mesmo, e não apenas na superficialidade, a forma da adesão ao Senhor. Muitas vezes, não é somente culpa deles, mas do mosteiro que não forma, realmente, à adesão ao Senhor. E esta é uma grande aberração, porque tudo na Regra de São Bento, persegue esta única finalidade, é uma ajuda, uma educação constante a pertencer, sempre mais, a Deus. Em especial, a vida comunitária e vida litúrgica, nos são dadas para pertencer ao Senhor, com todos os tipos de relação, de que somos capazes.

Por isso, a primeira pergunta que talvez devêssemos fazer-nos é se as nossas comunidades educam, verdadeiramente, à adesão ao Senhor. Se a finalidade de todos os nossos mosteiros é de crescer nisto. Quando Pedro e João foram presos e encontraram-se diante do sínédrio, aquilo que os definia, até diante de seus inimigos, era adesão a Jesus Cristo: "Vendo eles a coragem de Pedro e de João, e considerando que eram homens sem estudo e sem instrução, admiravam-se. Reconheciam como companheiros de Jesus." (At 4,13)

É isto que se vê em nós? Notamos que Deus, no fundo, não nos pede outro testemunho que aquele de ser verdadeiramente seus. E é um testemunho que depende somente da nossa relação com o Senhor, e não de quem nos observa, de quem nos julga. Basta ser seus, para que o nosso testemunho seja fecundo.

## A fidelidade é relação

"Reconheciam como companheiros de Jesus."

Aqui tem um aspecto fundamental da fidelidade. A fidelidade é uma relação. A fidelidade não tem sentido único, é sempre uma reciprocidade. A superficialidade no conceber e viver a fidelidade, está, muitas vezes, no acreditar que a fidelidade depende apenas de nós, que a fidelidade seja algo que concerne e interessa apenas a nós. Em vez, a fidelidade é definida pelo outro, o qual se pertence, o qual se é chamados a ser fiel. A fidelidade significa deixar-nos definir pela adesão a um outro. A superficialidade consiste também no definir a si mesmo sem o outro, e é uma aberração conceber a fidelidade, como fidelidade a si mesmo e não a um outro, a outros. Quantos abandonam a vocação religiosa ou a pessoa, a qual estavam unidos pelo matrimônio, ou outros vínculos, para "ser fiéis a si mesmo"! O que significa "ser fiéis a si mesmo", ninguém o sabe explicar, porque dizer "fidelidade a si mesmo" é uma expressão contraditória, que não faz sentido, que não significa nada. Pode-se ser fiéis somente dentro de um relacionamento, uma relação. E não se pode estar em relação com si mesmo. Pode-se ter auto-consciência, mas não se pode estar em relação com si mesmo. Talvez esta seja a origem da infidelidade: o viver a auto-consciência que nos foi dada como a auto-suficiência, como se fosse uma relação suficiente para vencer a nossa solidão, para dar plenitude à nossa vida, que, ao invés, é feita para estar em relação com Deus, e em Deus, com todos. Adão tinha consciência de si, mas Deus criou Eva, para que não ficasse sozinho (cfr. Gn 2,18). Adão não se contentou de sonhar, não se satisfez com suas próprias ideias, as próprias fantasias: necessitou de um outro alguém para estar em relação, e ter um âmbito de verdadeira fidelidade humana, reflexo e encarnação da fidelidade a Deus.

A fidelidade à vocação de nossa vida, nunca pode ser uma fidelidade a alguma coisa, mas é sempre fidelidade a alguém. Porque vocação significa que um outro nos chama. Deus nos chama também criando-nos, dando-nos os talentos, e sobretudo, dando-nos uma vocação específica, como é a vocação da família ou a vocação religiosa.

Porque até Deus é fiel no contexto de um relacionamento. São Paulo o expressa muito bem na primeira carta aos Coríntios: "Digno de fé é Deus, por quem fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor!" (1 Cor 1,9).

Este versículo resume toda a temática que queremos aprofundar, porque fala de fidelidade, de vocação e de comunhão. Deus é digno de fé, porque Ele, antes de tudo, é fiel aquilo que nos pede, aquilo que nos oferece. "Digno de fé", quer dizer, que com Deus podemos apostar a nossa fidelidade, que a relação com Deus é uma relação segura, que não nos trai, e se formos fiéis a Ele, não nos desiludimos, nunca seremos traídos. Mesmo "se somos infiéis, ele permanece fiel", escreve São Paulo a Timóteo (2 Tm 2,13). É importante fundar a nossa fidelidade na fidelidade de Deus, sobre a rocha "d'Aquele que é" (cfr. Ex 3,14). A Bíblia insiste muito, nos Profetas e nos Salmos, ou nos livros sapienciais, sobre a fidelidade de Deus, no sentido de que somente Ele é Deus, que permanece eternamente, que nos ama para sempre. A idolatria é uma infidelidade porque abandona o único Deus verdadeiro, único, no qual, podemos, realmente, confiar totalmente.

E este Deus, digno de fé, nos chama, nos dá uma vocação, e assim, nos chama a sermos fiéis a Ele, como Ele é a nós: "Digno de fé é Deus, *por quem fostes chamados*." "Digno de fé é aquele que vos chama", escreve São Paulo aos Tessalonicenses (1Tss 5,24).

É importante, então, pensar a nossa fidelidade à vocação, não pensando apenas em nós mesmos, nos nossos sentimentos, nas nossas ideias, nas nossas forças ou nossas fragilidades, as nossas virtudes ou nossos pecados, os nossos sonhos ou projetos, mas pensando, antes de tudo, em Deus. Impressiona-me sempre, quando encontro cônjuges infiéis, o fato que, muitas vezes, ele ou ela que trai, pensa somente em si mesmo, fala somente de si mesmo, não pensa no outro, na fidelidade do outro, ao sofrimento do outro. Também os monges e as monjas que têm um comportamento inadequado ou abandonam a vocação: quase nunca pensam na comunidade, ao mal que fazem à comunidade, ao sofrimento da comunidade. Não pensam, nem mesmo, na tristeza de Deus, pela sua infidelidade. O jovem rico foi embora triste, mas certamente mais triste estava Jesus, pela infidelidade deste jovem ao chamado que Ele oferecia com amor fiel (cfr. Mc 10,21-22). A infidelidade é uma forma de egoísmo, egocentrismo, auto-referencialidade sem amor. Não por nada, na Bíblia, Deus se representa, muitas vezes, como um esposo traído, abandonado; ou, como um Pai bom, abandonado por seus filhos.

Isto implica que para permanecer fiel, para formar à fidelidade, em uma vocação como a nossa, e em todas as vocações, é importante educar e formar a olhar ao Senhor, a conhecer a Deus, a pensar Nele, mais que a si mesmos. Se na formação, educamos mais a olhar a si mesmo do que olhar a Deus, mais a pensar em si mesmo que em pensar no Senhor, também quando formamos para ser os monges perfeitos, não formamos à fidelidade. **Se não formamos à relação com Deus, com Cristo, não formamos à fidelidade à nossa vocação.** Não devemos nos admirar, então, se depois se abandona ou se cai em mil formas de infidelidade. Também se não formamos à relação fraterna com a comunidade, na comunidade, não formamos à fidelidade. Se não formamos a buscar, sempre, a relação com o Senhor, se não formamos à escuta da sua Palavra, à oração, ao silêncio, para estar diante Dele, não formamos à fidelidade.

### **Chamados à comunhão**

De fato, a frase de São Paulo não nos diz só que é digno de fé o Deus que nos chama, mas o Deus que "nos chama à comunhão."

O chamado à comunhão é um chamado à fidelidade. Não há fidelidade sem comunhão, e não há comunhão sem fidelidade. A nossa fidelidade se joga toda na comunhão de Cristo, que é comunhão *com* Cristo e *em* Cristo, isto é, relação com Jesus e, em Jesus, com o Pai e os irmãos.

Isto é fundamental. Se fundamos a fidelidade à nossa vocação cristã e monástica sobre outra coisa, não podemos ser fiéis para sempre. Seria como se para um marido, a esposa fosse apenas uma empregada, que lhe faz comida e limpa a casa, a que faz filhos e toma conta, ou que lhe dá alguns momentos de prazer sexual. Tudo isto não é comunhão de vida, não é relação. Tudo isto são elementos, meios de comunhão, mas a comunhão é um mistério maior, eterno. Se, baseia-se apenas sobre elementos secundários, a fidelidade é apenas superficial e temporária. Terminado o serviço, a função, a pessoa não é mais importante e se passa a servir-se de outro alguém, ou se fica sozinho. Muitas vezes,

tratamos assim também a Deus; como alguém, com o qual, estamos em relação somente em função de outra coisa, e não do próprio Deus. Não é uma relação constante que nos define enquanto relação. Aquilo que se faz, antes ou depois, passa. Na vida conjugal os filhos vão embora, a paixão sexual se apaga, etc... Se antes a fidelidade era toda fundada somente naquilo que o outro faz para nós ou nós fazemos para ele ou ela, antes ou depois, não resta mais nada. Falta o essencial: a comunhão, que em vez, é uma realidade eterna, que não depende das circunstâncias e daquilo que se faz ou não se faz, e, no fundo, nem mesmo daquilo que se é ou não se é. A comunhão é mais forte que a morte.

Quantos monges e monjas vivem no mosteiro – quando vivem no mosteiro e não estão fora – apenas por aquilo que fazem, pelos encargos que têm, a função que exercem, as coisas que têm, as vantagens, das quais, se beneficiam, em suma, pelos aspectos secundários, passageiros, da relação com Deus e os irmãos ou irmãs, e não cultivam uma comunhão para sempre, a fidelidade á uma comunhão que dura toda a vida e além da vida.

Como os dois filhos da parábola do pai misericordioso de Lucas 15,11-31. Um estava com o pai somente pela herança. Assim que obteve, foi embora. Em seguida, volta para casa, mas não pelo pai, volta porque tinha fome, porque era suficiente ser um operário, onde o pai é apenas patrão, um empregador que lhe paga o salário. O filho mais velho, permanece em casa somente pelo trabalho, e deseja apenas um cabrito para festejar com os amigos. No entanto, espera somente a morte do pai para ele ser o dono de tudo. Em vez disso, o pai oferece a ambos uma comunhão total de vida, de coração, onde cada um é a alegria do outro, a festa do outro. O pai pensa apenas à comunhão com os seus filhos, e dentro desta comunhão tudo é compartilhado: "tudo o que é meu é teu" (Lc 15,31). Não pensa na herança, nos bens, no trabalho; para ele conta apenas a comunhão, e que cada filho viva nesta comunhão com ele e entre eles.

Se nós não pensamos a fidelidade à nossa vocação, à luz do chamado à comunhão, a pensamos de forma errada; seja como fariseus, os quais, conta apenas as formas exteriores, seja como publicanos, os quais, conta apenas o próprio prazer e seu próprio lucro. As duas principais derivações da infidelidade à vocação monástica são justo estas: o moralismo farisaico ou a imoralidade publicana; a idolatria farisaica, orgulhosa das regras, das formas ou a idolatria hedonista e gananciosa dos publicanos. E, muitas vezes, as duas formas de infidelidade não se excluem, porque tantos fariseus são publicanos no coração, e tantos publicanos são interiormente fariseus. O jovem rico que rejeitou o chamado de Jesus, era exteriormente um fariseu, porque desde sua juventude, tinha respeitado os mandamentos, mas interiormente era um publicano, ávido de riquezas.

Mas não digo isto para acusar alguém, os outros, porque estas tendências todos temos dentro, alguns mais do que outros, alguns de uma maneira, outros de outra, e todos devemos converter-nos à fidelidade de comunhão. Noto, muitas vezes, que nas comunidades os "fariseus" acusam os "publicanos" para permanecer "fariseus", e os "publicanos" acusam os "fariseus", para permanecer "publicanos". Cada um acusa o outro, para não ter que se converter à comunhão, ao amor e à caridade. Se o Senhor nos chama à fidelidade de comunhão, significa que nesta devemos crescer, que a esta devemos nos converter, todos, sem exceção. Deus não nos chama a permanecer naquilo

que somos ou como somos, mas para fazer um caminho, sobretudo interior, de conversão.

O chamado do Pai à comunhão do Filho, exprime a gratuidade infinita de Deus, da Trindade, para conosco. Deus não nos chama, acima de tudo, para fazer algo, não nos chama para nos usar, não nos chama a um dever, mas à comunhão de amor com Ele e n'Ele. Deus quer compartilhar conosco o que Ele é: Comunhão Trinitária, eterna, infinita, misericordiosa.

Esta é a vocação cristã. Mas é a *nossa* vocação, porque a nossa vocação à vida consagrada, à vida monástica cisterciense, é um chamado a ir ao fundo da vocação batismal, portanto ao fundo do chamado universal à santidade, como comunhão com Deus e em Deus.

Fora disto não somos fiéis, não respondemos ao chamado, não seguimos Cristo, e não vivemos os votos, porque os votos nos são dados e pedidos para viver a fidelidade à comunhão. E os votos, segundo a Regra de São Bento, são mais explícitos sobre isto do que a formulação e codificação posterior dos votos de castidade, obediência e pobreza. Nós fazemos voto de estabilidade, de *conversatio morum* e de obediência. São votos de comunhão dentro de uma adesão a uma comunidade, ao caminho de uma comunidade guiada por quem representa Cristo; são, isto é, votos de comunhão com Cristo e em Cristo. São votos, os quais, ninguém pode ser fiel sozinho, com uma ascese individual, sem comunidade, sem superior.

Por isso, a fidelidade à nossa vocação pede, antes de tudo, a consciência de que não somos chamados a uma determinada missão, a um determinado dever, mesmo se cada um de nós e cada mosteiro há uma ou mais missões, há deveres específicos, determinados pela situação histórica ou pelos talentos que Deus nos dá. Mas isto é bom somente se não perdemos de vista o essencial do nosso chamado, portanto da nossa fidelidade, que é um chamado a nos converter em uma comunidade, guiada à comunhão de Cristo com o Pai e os irmãos, no amor do Espírito Santo. Se não houver um consenso, sobre o fato que o nosso carisma é, antes de tudo, este, isto é, aquilo que nos pede a Regra de São Bento, para viver e encarnar o Evangelho, não se entende mais o que deve significar a fidelidade, e cada um, chega a justificar uma própria fidelidade, uma fidelidade a si mesmo, ao próprio projeto, a vocação que se crê ou se deseja ter, e não aquilo que, realmente, nos chama Deus.

Depois, nos surpreendemos que a comunidade e as pessoas, são estéreis, que não dão frutos, que não são felizes, que não crescem em graça e caridade. Esquecemos que Deus é fiel à vocação que Ele nos dá, não a vocação que nós mesmos nos damos. E a vocação que Deus nos dá, é justamente o chamado "à comunhão do seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Cor 1,9).

### **Recomeçar da fidelidade de Deus**

Não digo isto para condenar, para dizer que não tem esperança. Digo, ao contrário, para afirmar que há sempre esperança! Se tudo dependesse da nossa fidelidade, estaríamos arruinados. Mas tudo depende da fidelidade de Deus, então há sempre esperança de renovação, ou melhor: há sempre esperança de fidelidade em nós. Podemos sempre

renascer à fidelidade à nossa vocação, porque Deus é sempre fiel a chamar-nos à comunhão de Cristo.

Devemos aprender a viver a nossa fidelidade, no âmbito da fidelidade de Deus, porque isto nos permite recomeçar, sempre. Por que em Deus, a fidelidade está unida a misericórdia. Em Deus, a fidelidade é misericórdia.

São Paulo insiste muito nisto: "Mas então! Se alguns deles não foram fiéis, acaso a sua infidelidade destruirá a fidelidade de Deus? Impossível!" (Rom 3,3-4a)

"Portanto, quem pensa estar de pé veja que não caia. Não vos sobreveio tentação alguma que ultrapassasse as forças humanas. Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la." (1 Cor 10,12-13)

"O Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Maligno." (2 Tss 3,3)

"Se somos infiéis, Ele permanece fiel, pois e não pode renegar a si mesmo." (1Tm 2,13).

E São João nos lembra: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." (1 Jo 1,9)

Não devemos, então, esquecer que cada vocação é uma promessa de Deus, e que Deus mantém as suas promessas. Também a nossa profissão é uma promessa. São Bento escreve: "Antes de ser recebido, [o noviço] prometa (*promittat*), na presença de todos, no oratório, a sua estabilidade, a conversão de seus costumes e a obediência..." (RB 58,17).

São Bento sabe que não somos capazes de ser verdadeiramente fiéis, e por isso, pede para expressar esta promessa de fidelidade "*coram Deo et sanctis eius* - na presença de Deus e de seus santos" (RB 58,18). Não apenas para tornar solene a promessa, mas para que seja humilde, para que seja confiada à misericórdia de Deus e à intercessão dos santos. Em seguida, pede para por esta promessa por escrito, e este escrito, São Bento, o chama de "*petitio*", que significa literalmente petição, pedido, súplica. É significativo como São Bento formula isto: "*De qua promissione sua faciat petitionem* – da sua promessa faça uma petição, um pedido" (58,19). A Regra convida-nos, portanto, a viver nossas promessas como um pedido, como oração. A nossa promessa de fidelidade deve ser um pedido, um ato de entrega à fidelidade de Deus. Podemos prometer para sempre, somente, na forma de um pedido, na forma de um desejo de fidelidade que só Deus pode garantir, ratificar, cumprir com sua graça.

Na carta aos Hebreus, há uma linda exortação que sintetiza todo o nosso tema: "Conservemo-nos firmemente apegados à nossa esperança, porque é fiel aquele cuja promessa aguardamos." (Hb 10,23)

## **A promessa do Pai**

Mas o que realmente Deus prometeu? O que nos prometeu? Talvez nos prometeu uma terra? Talvez nos prometeu poder e riqueza? Prometeu-nos, talvez, segurança e sucesso? Prometeu-nos, talvez, de tirar nossas fragilidades e fraquezas? Prometeu-nos, talvez, paz e sossego? Prometeu-nos, talvez, tocas e ninhos onde reclinar a cabeça, isto é, situações estáveis e confortáveis, sem problemas?



Há apenas uma passagem nos Evangelhos, onde, o próprio Jesus, usa o termo "promessa", que, ao invés, é bastante frequente nos Atos e as Cartas apostólicas. Está no final do Evangelho de Lucas: "Eu vos mandarei o Prometido de meu Pai; entretanto, permaneçei na cidade, até que sejais revestidos da força do alto" (Lc 24,49).

Jesus nos promete Aquele que é "promessa do Pai - *promissum Patris*": o Espírito Santo. Lucas retoma a expressão em Atos: "E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai, que ouvistes, disse ele, da minha boca; porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui há poucos dias" (At 1,4-5).

São Pedro retoma a ideia no seu primeiro grande discurso depois de Pentecostes: "Exaltado pela direita de Deus, havendo recebido do Pai o Espírito Santo prometido, derramou-o como vós vedes e ouvis" (At 2,33).

A única e verdadeira promessa de Deus é o dom do Espírito Santo. E é a esta promessa que Deus permanece sempre fiel, se permanecemos fiéis a abrir-nos a este dom, a esta espera, a esta pobreza de espírito, que acolhe o Espírito Santo.

Somente depois de Pentecostes, os Apóstolos foram verdadeiramente fiéis ao Senhor. Antes, Pedro fazia grandes promessas de morrer por Jesus, e não podia manter. Depois de Pentecostes, será fiel até o martírio.

No dom do Espírito, Deus permanece fiel a sua promessa, expressa sua fidelidade para conosco. Apoiar-nos à fidelidade de Deus significa, em seguida, abrir-nos ao dom do Espírito Santo, deixá-lo agir em nós, e isto implica humildade, abandono, renúncia ao espírito de soberba e de orgulho, no qual, acreditamos ser suficientes a nós mesmos. E o Espírito, é o Espírito de comunhão entre o Pai e o Filho. Quando o Deus fiel nos chama à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, isto significa, que nos chama a acolher o Espírito Santo, a viver do Espírito Santo.

Quando não compreendemos a nossa vocação como um chamado a abrir-se ao dom do Espírito, não podemos ser fiéis. E como abrir-nos ao Espírito? A resposta é toda a Regra, e todos os ensinamentos de nossos padres e madres cistercienses. Tudo na vida da comunidade monástica é formação a abrir-nos ao dom do Espírito Santo. A obediência é para isto, a estabilidade é para isto, a fraternidade é para isto, a conversão é para isto; a humildade, o silêncio, o escutar a Palavra de Deus, o Ofício Divino, o trabalho e o serviço, tudo para fazer do mosteiro um Cenáculo aberto ao Espírito Santo.

Depois, o próprio Espírito cumprirá tudo: a nossa vocação, a nossa fidelidade, a nossa comunhão. E o fará, já está fazendo, como e quando Ele quer. O Espírito, pode dar a uma comunidade também o morrer, como o cumprimento da fidelidade, como o cumprimento da vocação e missão, de morrer, isto é, na comunhão de Cristo, que é o grande testemunho que Deus nos pede e nos dá, para dar ao mundo inteiro.